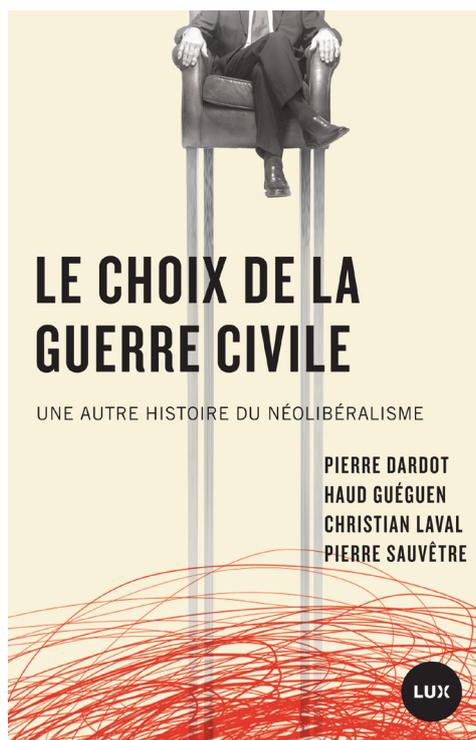


1. A tradução brasileira está prevista para ser publicada pela Editora Elefante em outubro de 2021.

RESENHA

LE CHOIX DE LA GUERRE CIVILE. UNE AUTRE HISTOIRE DU NÉOLIBÉRALISME [A ESCOLHA DA GUERRA CIVIL. UMA OUTRA HISTÓRIA DO NEOLIBERALISMO]. PIERRE DARDOT, HAUD GUÉGUEN, CHRISTIAN LAVAL, PIERRE SAUVÊTRE. LUX ÉDITEURS, MONTRÉAL, 2021¹

RESENHA POR CLÁUDIO ZANOTELLI



Livro inovador na abordagem sobre um tema de primeiro plano que é a associação entre neoliberalismo e reacionarismo, entre neoliberalismo e “guerra civil” dos governos contra os cidadãos. Dois dos autores já publicaram no Brasil anteriormente pela Boitempo: Pierre Dardot e Christian Laval, *A nova razão do mundo. Ensaio sobre a sociedade neoliberal* (2016); *Comum. Ensaio sobre a revolução no século XXI* (2017). E pela Editora Perspectiva *A Sombra de outubro: A revolução russa e o espectro dos soviets* (2018). Christian Laval publicou no Brasil pela Editora Elefante o livro *Foucault, Bourdieu e a questão neoliberal em 2020*.

A propósito do livro, consultar a entrevista dada pelos autores a uma revista francesa em abril de 2021 que traduzimos e publicamos nesse número da revista Geografares.

A obra chama atenção sobre um aspecto que normalmente é passado sob silêncio nas análises, o fato que a “liberdade” invocada pelos neoliberais não tem nada a ver com a liberdade do pensamento liberal dos séculos XVIII e XIX, o neoliberalismo, de fato, não é um liberalismo econômico e político radicalizado,

um ultraliberalismo, como comumente se diz, mas uma doutrina específica que emergiu numa conjuntura específica nos anos 1930 na Europa e nos Estados Unidos. Desde o princípio dessa doutrina como um de seus pontos centrais está o questionamento das políticas sociais de redistribuição, um anti-democratismo e a defesa de um governo das elites com uma forte dimensão autoritária e, na maioria das vezes, conservadora, que deveria se implementar por meio de um Estado forte. Um outro aspecto que os autores colocam em relevo, e que já havia sido analisado por Foucault em seu já clássico curso publicado anos depois sob o título de *O nascimento da Biopolítica*, é o de que as principais correntes neoliberais sempre defenderam um intervencionismo do Estado no quadro de instituições perenes que subtraíam a economia à deliberação coletiva. Um ponto central dessa doutrina é o de apoiar a violência contra os “inimigos” da “liberdade econômica individual”, ou seja, todos aqueles que reivindicam direitos sociais, igualdade econômica e social e que seriam os sindicalistas, movimentos sociais ou aqueles que defendem o socialismo, eles seriam os novos bárbaros do interior ou do exterior que traíam a civilização ocidental baseada na sacrossanta concorrência, esses preceitos se encontram, dentre outros, nos textos dos “pais” fundadores como Mises e Hayek.

Vê-se assim que estamos longe da ideia de que hoje com Bolsonaro no Brasil ou com outros governos autoritários em outros lugares, estaríamos vivendo uma exceção na conjunção monstruosa do neoliberalismo com o autoritarismo e o conservadorismo ou uma decadência do neoliberalismo que em função das crises se transforma em autoritário, não, o DNA do neoliberalismo sempre foi a defesa de um constitucionalismo de mercado e da concorrência, procurando redefinir a instituição jurídica, as regras de direito e as leis. O Estado para eles deveria, como já havia demonstrado Foucault em 1979, que é uma das bases dos autores do livro, operar com mínimo de intervencionismo econômico e o máximo de intervencionismo jurídico. Isso é completado pela formalização da sociedade sob o modelo da empresa. Para assegurar esses preceitos e subtrair a economia de maneira artificial da deliberação coletiva todos os meios são bons, inclusive apoiar ditaduras e governos autoritários que se propõem a respeitar o destino comum proposto pelos neoliberais que é a economia como medida das formas de governo. Como dizia Foucault, os neoliberais defendem “Antes um Estado sob a vigilância do mercado que um mercado sob a vigilância do Estado”.

Um outro aspecto importante desse livro é que ele, inspirado no método de Michel Foucault de análise estratégica, coloca à nu a estratégia política, social e econômica do neoliberalismo. Como doutrina os autores indicam que ele procura ocupar o campo dos possíveis da ação política, não se definindo por um regime político específico, operando tanto do lado dos globalistas, dentre os quais os sociais democratas da terceira via que abdicaram dos controles de capital e se centraram na defesa dos “valores” herdados do



Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia da UFES

JANEIRO - JUNHO, 2021
ISSN 2175-3709

direito à diferença dos anos 1960 (feminismo, lutas antirracistas, etc.), como dos nacionalistas. Esses últimos defendem a ordem do livre mercado e a restauração da família como fundação da ordem social que invoca as hierarquias sociais e o Estado nacional. Ativam o “direito à diferença” como forma de “liberdade” de ser racista, sexista, etc. criando identidades raivosas e cruzadas morais: reação geral contra a igualdade econômica e social, contra a paridade homem-mulher, etc. A família é vista como a base social a partir do “capital humano” a fazer frutificar. Ou seja, não haveria alternativa, todo o campo dos possíveis políticos em democracia ou fora da democracia, nacional ou internacional, é ocupado pelos preceitos neoliberais.

Um ponto alto das análises no livro e que é inovante a nosso conhecimento, é o de demonstrar, por meio de uma genealogia, a política neoliberal como a continuação da guerra - mais uma vez aqui ativando e desenvolvendo análises de Michel Foucault. Os neoliberais por um efeito de prestidigitação se colocam como os defensores de um governo acima dos interesses particulares como prevenção de uma guerra civil, para melhor fazer passar o ataque em regra contra largos setores da sociedade que defendam mais igualdade e critiquem a concorrência, tratando-os como os inimigos da sociedade. Assim, eles utilizam os discursos clássicos sobre a soberania como razão do poder que viria colocar fim à guerra civil entre interesses particulares, invocando o “Estado de direito” como base da concorrência contra os “interesses particulares e de categorias específicas da sociedade”, situando a doutrina neoliberal acima da luta de classes, essa última sendo considerada como a guerra civil. A função do Estado seria de proteger a sociedade por meio da constitucionalização da ordem concorrencial de mercado, colocada acima dos “interesses” das classes sociais. Mas a essa aparente exclusão da guerra civil do campo social e político se sobrepõe uma segunda operação que implica de assumir uma luta contra o “inimigo” que é crítico do mercado e do Estado garantidor da ordem concorrencial. Por isso o socialismo, os movimentos sociais e os proletários que defendem a igualdade econômica e se contrapõem ao mercado livre e à concorrência são vistos como bárbaros, criminosos e “inimigos da civilização” e do “Estado de direito”: são os inimigos do evolucionismo econômico que se pretende a razão última da civilização. Assim, a soberania popular, a planificação, o sindicalismo, a democratização das relações sociais e da política são construídos como inimigos, como espaço de descarrego da guerra de posição do campo neoliberal. Daí uma constitucionalização econômica da ordem concorrencial que concebe um Estado forte e capaz de neutralizar todo processo de politização da economia: a economia invocada como “consenso” entre “direita e esquerda” fora do escopo da deliberação democrática. Ordem, que por sua vez, deve ser deliberada pelas “elites” nacionais e transnacionais que orientam as organizações multilaterais e, também, os estados plurinacionais como a União

Europeia.

Enfim, o neoliberalismo procura saturar estrategicamente todo o espaço político (“esquerda” e direita, globalistas e nacionalistas, “progressistas” e reacionários) para sufocar toda alternativa popular verdadeira e colocar a política e a economia como “destinos” já traçados antecipadamente como o “não há alternativa”.

Mas, para concluir, os autores apontam uma esperança, sim temos alternativas, sim o campo da política e da economia pertencem a ordem da deliberação e não a um destino traçado por uma mitologia política de um espaço de funcionamento econômico construído a priori. Assim, eles invocam a revolução contra a guerra civil neoliberal baseados na própria forma como os *communards* da comuna de Paris em 1871 opunham sistematicamente a “revolução” à guerra civil do exército regular francês que queria jogar a responsabilidade da guerra que eles faziam, contra o povo de Paris, sobre os ombros dos revolucionários. Os autores propõem uma estratégia de igualdade social e econômica e de democracia por meio de um autogoverno instituinte como resposta à guerra neoliberal. Sugerindo uma estratégia que articule todas as lutas, econômicas, culturais, das minorias sexuais, étnicas, etc. em torno de uma unidade necessária política, sem negar as diferenças, contra as múltiplas formas de neoliberalismo. Rejeitando, desse modo, todo fetichismo identitário que seja das identidades “minoritárias” com as quais joga o neoliberalismo “progressista” para obter uma clientela eleitoral ou a identidade “majoritária” sobre a qual se apoia o neoliberalismo reacionário em nome dos valores tradicionais. Para isso, eles dizem (p.317-318)

(...) uma única via estratégica: fazer convergir todas as reivindicações no sentido da primazia da igualdade em todos os domínios – igualdade de direitos, de condições socioeconômicas, de acesso aos serviços coletivos, igualdade na participação direta nos assuntos públicos. Não há lutas econômicas de um lado e as lutas culturais de outro, mas as lutas sociais pela igualdade.

Esse livro marcará época e abre possibilidades de compreensão de fenômenos que se passam no Brasil, colocando em questão as diversas formas canônicas de abordar tanto o neoliberalismo quanto a sua associação com o autoritarismo.

GEOGRAFARES 

Revista do Programa de
Pós-Graduação em Geografia e
do Departamento de Geografia
da UFES

JANEIRO - JUNHO, 2021
ISSN 2175-3709